Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 876

30 DE ABRIL DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Alfredo A. J. Albuquerque — Tenente coronel | S. M. Eduardo VII — Cooronel honorario | Antonio Duarte e Silva — Coronel commandante

Capitão João L. Ramos — Alferes D. José Ignacio de Castello Branco (Marquez de Bellas) — Major Fernando d'Albuquerque do Amaral Cardoso — Alferes José de Figueiredo Zuzarte Mascarenhas — Tenente Antonio Maria da Costa — Capitão José Julio Pessoa — Tenente Francisco Pereira de Magalhães — Alferes Antonio Mendes Serra — Capitão Manuel Belchior Nunes — Tenente José Maria Pereira da Silva — Capitão Francisco Joaquim Alberto — Tenente Victorino Augusto da Silva Salema — Tenente Henrique Augusto — Tenente Antonio Mario de Figueiredo Campos — Tenente da Administração Militar João Evangelista da Costa Roxo — Alferes Medico Antonio Mauricio Sarmento de Macedo — Tenente Luiz Estellita Freitas — Alferes Picador José de Sousa e Mello — Alferes Veterinario Joaquim Paulo do Carmo.

GRUPO DOS OFFICIAES DO REGIMENTO DE CAVALLARIA 3

(Photographia do sr. Antonio Novaes)

CHRONICA OCCIDENTAL

Por dois assumptos tão differentes, que até o contraste espanta, se dividiram agora as attenções. Um d'ellas é todo alegria, ainda que alguma lagrima venha provocar em alguem mais sentimental; outro seria de tristeza completa, se não tivesse aqui ou acolá despertado sua gargalhada.

Foram os casos : a estreia do Coquelin no theatro D. Amelia e o processo dos hespanhoes accusados do roubo na rua do Arsenal.

E' possivel que entre representação e julgamento haja pontos de contacto, que não ha coisa n'este mundo com tintas definidas e tudo é d'uma côr suja em que todos ellas se misturam. Mas não deixa de ser curioso ler nos jornaes da noite, no intervallo do *Tartufo* para as *Preciosas*, a carta dos advogados que quasi no final do julgamento se rebellaram contra o juiz. O theatro comico é tido como das coisas mais alegres do mundo e nada ha de maior gravidade que a Justiça com suas balanças nas mãos. Pois Justiça e theatro andaram agora de mãos dadas como assumpto principal.

Molière foi mais uma vez representado e applaudido. O velho, glorioso Coquelin, mais uma vez, com impeccavel perfeição, disse os primorosos

COQUELIN AINÉ

versos em que Tartufo se descreve hypocrita e ambicioso, e a scena alegre em que troça e intruja as insupportaveis preciosas.

O peor é que o theatro parece servir para pouco; as preciosas continuam pulullando e de Tartufos não é bom falar, que os ha por ahi a todos os cantos. A egreja era pequeno campo para elles e a hypocrisia assumiu hoje outra forma com que Tartufo se dá melhor.

Qnantas preciosas não applaudiram ante-hontem as Preciosas, quantos Tartufos não applaudiram Tartufo!

Que escreveria Molière hoje, se voltasse outra vez ao mundo?

Talvez que a justiça se visse a contas com elle, que tambem esta está dando que fazer aos dramaturgos agora. Hajam vista algumas peças modernas famosas: trechos e dos mais importantes da *Resurreição*, drama extrahido do santo romance de Tolstoi; a *Toga vermelha* de Brieux que com mais um bocadinho de unidade na acção seria talvez uma obra prima e cuja parte moral é excellente; o *Inquerito*, que ainda ha pouco vimos no theatro D. Amelia, e em que tanto se põem em relevo não só possibilidades pouco provaveis de injustiças, mas processos tyrannos de pôr a justiça em pratica.

Não estaremos portanto falando de theatros tão longe dos tribunaes como a principio parecia.

O que primeiro chamou a attenção do publico para o caso de que falamos, foi a singularidade d'um dos accusados, o Villanueva, typo de comedia, medico misterioso, que era defendido pelo dr. Alexandre Braga.

Entre advogados e o delegado e juiz não houve em todo o processo um momento de concordia. Os réus foram todos finalmente absolvidos; mas o caso não terminou com a absolvição que os jurados lhes deram.

Quatro dos hespanhoes recolheram, ainda que absolvidos, ao Limoeiro para serem postos na Fronteira.

O conhecido agente Fagulha parece que querellou do dr. Alexandre Braga, que, diz elle em duas participações, o insultou no tribunal.

A Associação dos Advogados reunirá n'uma das proximas noites, constando que tomará a deliberação de rogar a todos os membros que não tomem defeza de qualquer causa no 2.º districto emquanto lhe não fôr dada a satisfação que pede.

Saberá de todas estas confusões o patife que se entreteve a furar o tecto da loja do cambista para deitar-lhe mão aos contos de reis? Calcularia elle, quando metteu na tabua o serrote, que tamanhas furias havia de provocar indirectamente a sua gatonice?

Foi isto o que se passou, n'isto se falava, e tambem no que ha de passar-se.

E ainda é de theatro, que no theatro brilhou Garrett, e ainda é de justiça que todos falam.

Está quasi assente o programma da homenagem que vae no proximo dia 3 prestar-se á memoria do auctor do *Frei Luiz de Sousa.*

O Conservatorio de arte dramatica e musical, que deve a Garrett sua existencia, inaugurará os espectaculos com uma sessão extraordinaria, cujo programma, muito curto, foi elaborado pelo inspector e director das duas classes. Serão tocados e cantados alguns trechos de musica inspirados na obra do grande poeta da qual os alumnos de arte dramatica recitarão alguns dos melhores versos. Será lida uma curta oração pelo vogal do conselho de Arte dramatica, sr. Alberto Pimentel, e um alumno dirá versos do sr. Conde de Mesquita.

O cadaver de Garrett será depois transportado do cemiterio dos Prazeres para o Pantheon dos Jeronymos, onde lhe compete ter logar ao lado de Camões, de Vasco da Gama, de Herculano e de João de Deus.

A' noite haverá espectaculo de gala no theatro de D. Maria, onde depois d'um *a proposito* recitado por Virginia e Ferreira da Silva, os principaes actores dirão versos de Garrett, fechando o programma com mais uma representação do auto de Gil Vicente, *Ignez Pereira*, arranjado por Marcellino Mesquita.

De todo o respeito são dignas as cinzas do grande poeta, um dos portuguezes que mais souberam amar sua patria; mas a forma porque melhor podemos revelar por elle a nossa estima e melhor cumprir um dever, é tornando conhecida a sua obra, de todos tão abandonada, que, ha dias, corri não sei quantas livrarias de Lisboa para achar um exemplar do *Camões*.

E' triste confessal-o.

Já n'estas mesmas columnas mostrámos uma vez que algumas camaras municipaes na homenagem facil que prestavam a Garrett mostravam ignorar muitas de suas melhores paginas.

Pois Garrett deve lêr se.

Por outro motivo não fosse senão para tornar seu nome conhecido, a homenagem que ha de realisar se no proximo domingo seria motivo de applausos para os iniciadores d'este movimento.

O cadaver já está encerrado na urna em que ha de ser conduzido para seu novo jazigo e em solemne cortejo será transportado até o mosteiro que D. Manuel fundou e onde se passa uma das mais lindas scenas do *Camões*.

O tumulo dos Prazeres onde Garrett foi depositado pertence á familia Brito do Rio e ha dias se abriu para n'elle entrar o cadaver do Conde de Ficalho, de cujos prolongados soffrimentos a morte finalmente se amerceou.

Occupará no jazigo a divisão onde estava Almeida Garrett, que assim lhe cede o logar.

O Conde de Ficalho, mordomo-mór da casa real, conselheiro de estado, par do reino, lente da Escola Politechnica, foi uma das mais brilhantes figuras da sociedade portugueza.

Mais d'uma vez convidado para altos cargos politicos, nunca os aceitou.

A sciencia e a arte bastavam-lhe para sua vaidade de homem util.

Lente de botanica, são notaveis os livros que eruditamente escreveu sobre esta sciencia; contista de grande valor, contêem obras primas o seu livro *Contos Alemtejanos*.

O Alemtejo onde tinha casa magnifica, era uma das suas maiores paixões. Encantava-o o campo portuguez, ainda com sua paisagem mais severa, aquella charneca de Serpa cheia de murmurios de abelhas.

Pobre campo portuguez que de tristeza tanta se veste agora!

A primavera, quanto mais linda mais cruel!

A chuva veio tardia e pouca. As primeiras aguas alegraram o lavrador, mas veiu logo o vento norte e seccou-as.

Assim tem estado o tempo, muito variavel. Dizem-se preces nas egrejas, mas o céo parece que não quer ter ouvidos.

As poucas aguas que tem deitado, ao campo não fizeram bem e serviram apenas para entristecer as cidades.

Em algumas regiões do norte até cahiu geada uma d'estas ultimas noites e não ha coisa mais cruel quando não já vem batendo á porta.

Acabamos como as antigas folhinhas: *Deus super omnia*. E o espirito do Saragoçano venha annunciar-nos, pelos pés de alguma mesa, remedio a tanto mal.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 3

O grupo de officiaes que hoje damos na nossa primeira pagina pertence ao regimento de cavallaria 3, de que S. M. Eduardo VII é coronel honorario, e cujas tradições são verdadeiramente honrosas para o nosso exercito.

Quando em 1707 o exercito portuguez se organisou em regimentos foi por essa occasião aquartellado na praça de Olivença, que a esse tempo ainda não tinha sido desmembrada da nação pelo tratado de Badajoz, um regimento de cavallaria, que ficou denominando-se cavallaria de Olivença.

Enriquecendo a historia comtemporanea com altos feitos de valor deixou bem evidenciada a sua heroicidade na batalha de *Godinho*, em 7 de maio de 1707, que, comquanto lhe fosse adversa, serviu para demonstrar o genio aguerrido d'aquelle brioso regimento, de que então era commandante o coronel Francisco Lopes Nogueira.

Extincto o regimento annos depois, passaram muitos officiaes e praças para o de dragões, que sob o commando do brigadeiro Antonio Luiz de Madureira Parada Lobo e mais tarde do coronel D. José Pedro da Camara, teve por muitos annos a sua séde tambem em Olivença.

Em 19 de maio de 1806 dando-se nova organisação ao exercito passaram os *dragões de Olivença* a denominar-se *regimento de cavallaria 3*, e sendo Elvas escolhida para sua séde, este corpo do exercito tomou a denominação de *Regimento de cavallaria da praça d'Elvas*, denominação que conservou até 1834, voltando então a usar a primitiva.

Novamente reorganisadas as armas de infanteria e cavallaria, em 4 de janeiro de 1837, deu-se a cavallaria 3 a denominação de caçadores a cavallo e como tal foi este regimento considerado e armado.

Na guerra da peninsula, cavallaria 3 tomou parte activa nos cercos de Badajoz, de 5 a 16 de maio de 1811; de 19 de maio a 17 de julho do mesmo anno; e de 17 de março a 16 d'abril de 1812.

Combateu além d'isso com distincção nas batalhas de: Fuentes de Cantos, em 15 de setembro de 1810; Talavera la Real, em 20 de janeiro de 1811; Ponte de Xevora, em 16 de fevereiro de 1811; Praça de Badajoz, em 7 de fevereiro de 1811; Campo de Santa Engracia, em 19 de fevereiro de 1811; Albuera, em 16 de maio 1811; Cortes de Pleas, em 1 de julho de 1812; Villalva, em 3 de julho de 1812; Berlenga, 10 de julho de 1812; Zarzé d'Alange, em 29 de julho de 1812; Ribeira, em 24 de julho de 1812; Almendralengo em 19 de agosto de 1812.

O total das baixas n'este regimento foi de 3 officiaes, 69 praças e 100 cavallos, não contando os feridos que pouco tempo depois estavam aptos para o serviço.

Os officiaes mortos durante a guerra peninsular foram: o capitão João José Fernandes, capitão Francisco Xavier de Moraes Lamare e tenente Jacintho Bernardo do Couto.

Em Fuentes de Cantos, quando ali se deu o combate, cavallaria 3 esteve ás ordens do brigadeiro Madlen, commandando o regimento por occasião do terrivel cerco de Badajoz em 1821, o tenente coronel Silveira de Lacerda.

Ainda n'este anno cavallaria 3 reunida a outras forças serviu sob as ordens do general Evskine, sendo commandante de cavallaria portugueza o general Campbell, por occasião de se ferirem os combates na Extremadura hespanhola.

Em 1827 entrou na batalha de Coruche da Beira, no combate de Chão da Feira em 1837; na acção de Vianna do Alemtejo em 1846 e fez parte da honrosa columna do conde de Vinhaes em 1847.

Quando em 1835, Portugal teve de enviar á Hespanha uma divisão auxiliar, afim de sustentar no throno a Rainha Isabel, cavallaria 3 que havia sido incluida, tomou parte na primeira acção travada.

Cavallaria 3 que actualmente tem a sua séde em Extremoz, tem estado aquartellada em Leiria, Elvas, Montemór-o-Novo, Castello Branco e Villa Viçosa

D'este regimento fazem actualmente parte os seguintes officiaes:

Coronel Antonio Duarte e Silva, tenente-coro-

nel Alfredo Augusto de Albuquerque, major Fernando de Albuquerque do Amaral Cardoso, tenente-ajudante Antonio Mario de Figueiredo Campos capitães João Luiz Ramos, José Julio Pessoa, Francisco Joaquim Alberto e Manuel Belchior Nunes; tenentes Victorino Salema, Luiz Freitas, Francisco Magalhães, Pereira da Silva, Antonio Costa e Henrique Augusto; Alferes D. José Ignacio de Castello Branco (Marquez de Bellas) Zuzarte de Mascarenhas e Mendes Serra; alferes-medico Sarmento de Macedo, alferes picador Sousa e Mello, alferes veterinario Paulo do Carmo e tenente da administração militar Costa Roxo.

Com tão nobres tradições e com tantos e tão heroicos feitos a perpetuar aos vindores nas paginas da sua brilhante historia, digna era a escolha d'este regimento ao darem-lhe a honra de um monarcha para seu coronel honorario, mas por certo honra não foi menor para o soberano que n'essa homenagem, viu affirmado o alto e respeitoso conceito d'aquella preferencia.

Foi no dia 6 do mez passado que, tendo cavallaria 3 formado no largo das Necessidades, onde S. M. Eduardo VII lhe passou revista, depois se photographou em grupo com os officiaes do referido regimento, no atrio do palacio das Necessidades, sendo o habil artista o sr. Antonio Novaes quem fez a photographia, por ordem de El-rei.

TRES ARTISTAS NOTAVEIS

TERESA CORREÑO, JACQUES THIBAUD E LUCIEN WURMSER

«O Occidente», sempre no cumprimento do seu programma, presta hoje justa homenagem a tres artistas notaveis, que ha pouco visitaram a capital e que se fizeram ouvir com geral agrado n'uma serie de concertos que se realisaram no Real Theatro de S. Carlos e no Salão do Conservatorio de Lisboa.

TERESA CARREÑO

Distinctos escriptores francezes e hespanhoes Mrs.; Amédée Boutarel, Résa, Charles Joly, Eduardo Muñoz e outros, já fallaram de Teresa Correño em excellentes artigos dispersos por diversos jornaes taes como; Le Figaro, Menestrel, La Froude, de Paris e Imparcial de Madrid, Correo, Epoca, Heraldo, Liberal, Correspondencia de España etc., rendendo louvaveis e merecidos elogios ao talento incomparavel de esta artista.

Teresa Correño é Venezueliana, e iniciou a sua carreira artistica aos 8 annos. Desde logo a artistasinha começou a revelar a sua paixão pela musica, notando que já antes o havia demonstrado com 2 annos apenas de idade, entoando e cantarolando varios e difficeis trechos d'operas, com singular affinação.

Aos 10 annos de idade percorreu as principaes cidades da America, sendo recebida no meio de enthusiasticas ovações, fazendo-se ouvir na execução dos trechos mais difficeis de Kalberg Mendelssonn e Gottscalk que a classificou de *grande genio*.

Na Europa já a sua reputação era consagrada e tanto assim, que lhe mereceu especial menção os elogios feitos por dois grandes mestres—Liszt e Rossini.

O talento de Teresa Correño, tem-se desenvolvido progressivamente, mercê de um estudo aturadissimo, trabalho incansavel e muito amôr á arte.

Dotada de grande sentimento artistico, ás suas bellas phrases, a melodia, precisão, rythmo e execução inconfundiveis são a sua maior gloria.

Tributando, pois, esta sincera homenagem á illustre artista auguramos-lhe ainda um proseguimento de triumphos na sua já laureada carreira.

JACQUES THIBAUD

Jacques Thibaud, outro grande artista, pertencente a uma familia de musicos, nasceu em Bordeus a 27 de setembro de 1880, contando portanto 23 annos de idade. Encetou a sua carreira artistica aos 7 annos, começando pelo estudo do piano. Aos 9 annos dedicou-se ao estudo de violino, que hoje maneja com excepcional aptidão sabendo e conhecendo todos os segredos do instrumento.

Jacques Thibaud, é e será sempre ouvido com agrado e applaudido justamente, pois que a par de uma execução rara, allia um profundo conhecimento technico.

Seu mestre Mr. Marsick, do conservatorio de Paris, tem por elle a maior admiração.

Em 1895 conferiram-lhe um premio *accessit* e logo no anno immediato obteve o primeiro premio, no meio das mais enthusiasticas acclamações.

O concurso n'este anno tornou-se muito notavel, tanto mais que todos os concorrentes eram alumnos distinctos e primeiros classificados.

Jacques Thibaud é irmão de Joseph Thibaud, pianista tambem verdadeiramente apreciado e muito admirador do seu mestre o notavel pianista Diémer. Entrando para o conservatorio de Paris em 1891, logo no anno immediato obteve o primeiro premio por unanimidade, fazendo-se ouvir mais tarde em varios concertos especialmente nos de Colonne, em que se tornou distincto.

Não menos notavel é Lucien Wurmser o eximio pianista que acompanhou Jacques Thibaud na sua visita a Lisboa e que se fez ouvir tambem com muito agrado nos concertos em que tomou parte.

É artista e dos mais distinctos e crêmos bem que em breve se tornará celebre, por isso que denota grandes aptidões, uma boa interpretação, muita correção e vastos conhecimentos da arte.

Não publicamos o seu retrato como era nosso desejo, porque não o podémos obter.

R. A.

Exposição da sociedade nacional de bellas artes

O movimento iniciado em 1880 pelo celebre *Grupo do Leão*, tendo á sua frente o mallogrado artista Silva Porto, que a morte levou tão prematuramente, tem proseguido sempre e conseguiu estabelecer em periodos regulares as exposições annuaes de Bellas Artes, interessando os artistas e o publico, o que é grande conquista, no estado de abandono e indifferença a que a arte havia chegado n'este paiz.

D'antes aguardava-se o apparecimento dos fructos passados para o inverno, na feira do Campo Grande, onde vinham as primeiras passas, figos castanhas e nozes, e onde nossos avós iam comprar os pannos de linho, briche, os cobertores de papa e comiam peras cosidas.

Eram as novidades de então.

Hoje aguarda-se a primavera e com ella a abertura da exposição de Bellas Artes para ver as novidades da Arte, o que é mais consolador para o espirito, e isto se repete ha vinte e tres annos, pelo que o costume se vae tornando lei, lei mais proveitosa do que muitas que a fecundia dos governos, despeja para ahi em catadupas de esteril resultado.

A exposição annual tem já suas ramificações e rebentos, que se manifestam em outras exposições que vão apparecendo pelo anno fóra para afervorar o culto, e assim nos lembra a exposição Silva Porto ainda ha pouco patente ao publico, e logo apoz outra inaugurada na *Academia de Desenho Pintura e Esculptura*, na rua Antonio Maria Cardoso, de que é director Luciano Lallemant. Uma escola particular, como ha muitas em Paris, Londres e Roma, tendo dos melhores de nossos artistas por mestres.

A concorrencia ás exposições já é apreciavel, e ainda que alguns artistas de reconhecido merito se tenham abstido de concorrer, o que é para lamentar, outros vão expondo suas obras, em companhia de discipulos e de amadores, com que vão enchendo as paredes das salas da Academia.

Sobre isto teriamos que dizer, se nos propossessemos fazer a critica da exposição; mas tal não faremos, pois não seremos mais rigoroso que o jury, que benevolamente admittiu tanta coisa que lá se vê!

No principio d'estas exposições adoptou-se um expediente que removia certas difficuldades, e foi o de haver uma sala para os amadores e discipulos que ainda não tinham foros d'artista. Não sabemos porque se deixou de usar esta pratica, que não privava ninguem de expôr independente do jury.

Se assim se tivesse continuado, não teriamos de vêr agora quadros a trepar, trepar pelas paredes como plantas trepadeiras em busca do sol.

Mas emfim estão todos ali em fraternal cosmopolitismo, o que para muitos será consolação para a vaidade e para outros será ainda desgosto por se verem tanto em cima.

* * *

A terceira exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, inaugurada por Suas Magestades no dia 15 do corrente, foi o acontecimento mais palpitante dos ultimos dias.

El-Rei é sempre o primeiro a interessar-se por esta exposição, inaugurando-a e honrando-a com as suas obras, como bom exemplo a seguir.

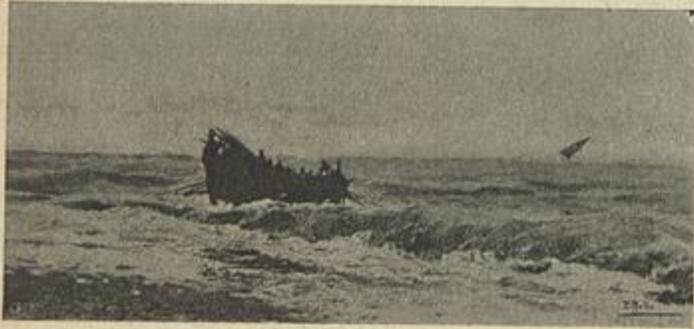
Dissemos que alguns artistas se teem abstido de expôr, o que se torna sensivel, principalmente na paizagem de que a exposição d'este anno está mais pobre, não só pela quantidade, mas sobre tudo pela qualidade.

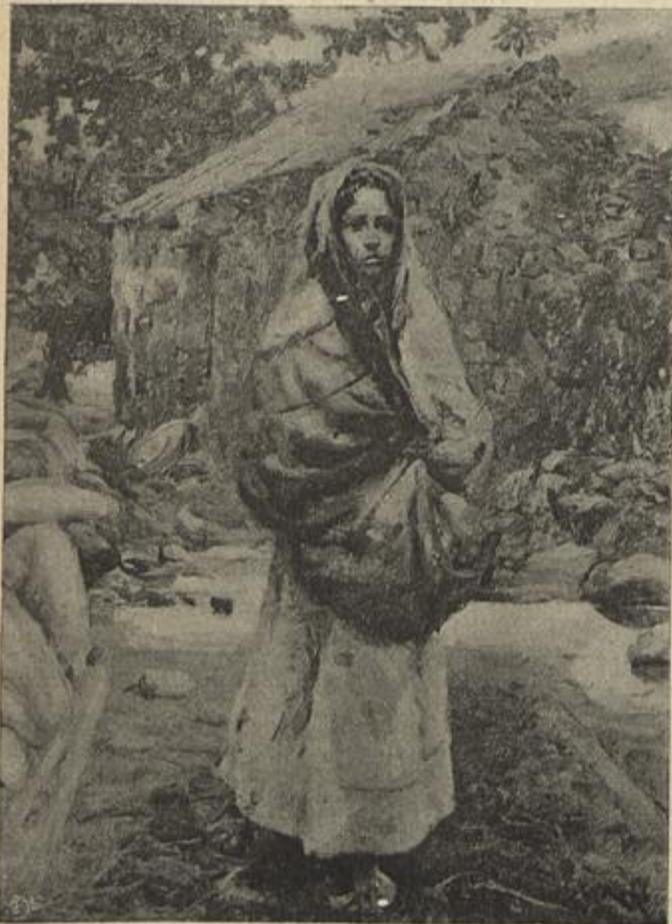
Bem se póde dizer que na pintura de figura e na esculptura é que mais se distingue esta exposição.

Columbano com a individualidade inconfundivel de seus quadrinhos, destaca como se exposesse grandes telas. Malhoa com a sua paleta exhuberante de collorido e luz attrahe as attenções com o *Barbeiro d'Aldeia*, *Descamisada* e um quadrinho mais sobrio de collorido, mas nem por isso menos attrahente, *O phosphoro antigo*.

E pelas salas vamos encontrando quadros de mestres, de discipulos e de amadores em que se podem notar os de Salgado, Condeixa, Carlos Reis, João Vaz, Ribeiro Junior, Henrique Pinto, Sousa Rodrigues, Mello Junior, Alto Mearim, D. Emilia Santos Braga, D. Virginia Avellar, D. Isabel Laver, estas senhoras como amadoras apre-

O BARBEIRO DE ALDEIA — *(José Malhôa)*

RETRATO — *(José Velloso Salgado)*

PRAIA DA NAZARETH — *(Thomaz de Mello Junior)*

POENTE DE ABRIL — *(Carlos Reis)*

MENDIGA — *(Carlos Reis)*

DAR DE COMER AOS QUE TEM FOME — *(Manuel Heurique Pinto)*

3.ª EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES

MARIA GALVANY

NADINA BULICIOFF

ROSA DE VILA

CARLO LANFREDI

CARLO WALTER

CLOÉ MARCHESINI

ALESSANDRO MODESTI

EMILIO CABELLO

FRANCESCO PUIGGENER

COMPANHIA DE OPERA LYRICA DO COLYSEU DOS RECREIOS

ciaveis, que mais nos imprecionaram com suas obras.

Notaremos ainda um retrato do sr. general Eduardo Ernesto Castelbranco, pintado por um discipulo da Academia sr. Adriano de Sousa Lopes, e pouco mais poderiamos notar se o nosso proposito fosse apreciar detidamente esta exposição.

A esculptura está bem representada, e n'ella avulta a obra de Teixeira Lopes.

Lá está a sua bella estatua a Historia destinada ao tumulo de Oliveira Martins, trabalho que, só por si vale a reputação d'um artista.

E por todas as salas se vêm obras do mesmo esculptor, em bronzes, em marmore, em gêsso estearinado e em madeira pintada, representando uma estatua de Santo Isidoro que bem se pode considerar um modelo no genero.

A aguarella vae tendo mais cultores e são realmente primorosas as do sr. Jorge Ianz.

Os desenhos a pastel vão tendo maior numero de expositores e entre os que mais nos agradaram, citaremos um do sr. José de Brito, *A oração*.

Em arte applicada o que mais nos chamou a attenção foi a pintura sobre porcelana, em que distinguimos Mademoiselle Hèléne Eisembart, D. Beatriz Alto Mearim, D. Maria Luiza Alto Mearim e D. Josepha Bello.

E' muito apreciavel uma imitação de *Gobelin* do sr. Jorge Ianz.

Do conjuncto d'esta exposição concluimos que, se não ha notaveis progressos a registar, nos artistas já conhecidos e reputados, podemos notar o augmento de cultores da arte, no bom numero de amadores que vão surgindo, que bem mostra que se estuda e cultiva a Arte nas suas varias manifestações e applicações, symptoma evidente de quanto vae melhorando a educação nacional.

X.

Companhia lyrica do Colyseu dos Recreios

COMMENDADOR ANTONIO SANTOS
EMPRESARIO DO COLYSEU DOS RECREIOS

Mais uma vez, Antonio Santos está proporcionando áquelles, cuja bolsa lhes não permitte ir a S. Carlos, umas noites agradaveis fazendo-os ouvir por uns preços extremamente modicos as melhores operas do velho e novo repertorio. E' assim que n'esta epoca, ouviremos, d'entre outras:

De *Donizetti:* Lucia, Lucrecia, Favorita etc.

De *Verdi:* Aida, Ernani, Trovador, Baile de Mascaras, Otello, Rigoletto, Traviata etc.

De *Bellini:* Norma, Puritanos, Sonambula.

De *Meyerbeer:* Africana, Dinorah, Huguenotes, Roberto.

De *Ponchielli:* Gioconda.

De *Puccini:* Bohéme, Tosca.

E muitas mais que são de verdadeiro agrado do publico que enche todas as noites a vastissima sala do Colyseu e que, certamente, ahi, continuará a affluir, pois Antonio Santos sabe variar os espectaculos, a gosto e a contento de todos.

Da sua companhia fazem parte artistas de reconhecido merito taes como: Nadina Bulliciofi que tão gratas recordações deixou a epoca passada, Roza de Vila, Maria Galvani, Occhiolini, Marchesini, Elisa Belli e Enriqueta Aceña.

O elemento masculino é constituido pelos seguintes artistas:

Tenores: Lanfredi, Castellano e Cecarelli.
Barytonos: Modesti, Puiggener e Cabello.
Baixos: Walter e Fabbri Boesmi.

Difficilmente por preços tão diminutos, se poderá obter uma companhia tão completa como aquella que Antonio Santos contractou para o seu Colyseu. Por isso não temos senão que louvar o arrojado emprezario pela sua nova tentativa agourando-lhe uma epoca cheia de louros e *louras* (hoje notas de 5$000 réis).

Antonio Santos tenta levar a affeito, as *premiéres* das duas extraordinarias obras musicaes o *Lohengrin* e o *Tanhäuser*, fazendo com que as plateias populares possam formar uma idéa do que foi o grande genio musical que se chamou Ricardo Wagner

* * *

Por falta de espaço não podemos dar n'este numero, os retratos de todos os artistas da actual companhia, o que concluiremos no numero proximo.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 873)

Radnothy não dizia palavra; sacou do bolso a carta de Milão e apresentou-lha.

— Tudo isto não passa de ser exaggêro, sentenceou a coronela; para lhe apanhar mais dinheiro, caro cunhado. E o estado do Gêsa nem por sombras se pode comparar com o meu, que apanho reumatismo, nestes mofinos quartos, tres vezes por dia.

— O capitão Khalenberger não tarda em escrever de Milão, atalhou a Elsbeth, onde é muito conhecido, e hade tomar o Gêsa a seu cuidado.

Radnothy não respondeu, sequer, uma palavra. Sentou-se, sacou do testamento e leu-o de fio a pavio.

— Tyranno! vociferou a coronéla; e pegou a arcabuzar o cunhado com quantos epithetos pôde colher nas reminiscencias das suas leituras romanticas. E jurou que a Elsbeth, désse por onde désse, havia de casar com o capitão Kahlenberger, ainda que fôsse ella mesma (coronela), quem houvesse de carregar com as despezas; e, de commovida com a propria magnanimidade, acommetteram-na violentos espasmos.

— Ai! suspirava a Elsbeth, e foi quanto lhe accudiu á memoria como citação resultante das suas leituras, e deu largas ao pranto.

Radnothy voltou as costas á cunhada e permaneceu taciturno. Poz-se a contemplar a filha, cujas lagrimas pareciam commovê-lo. Sentia-se atraido para ella por irresistivel poder, como se fôra a ultima vez que lhe dirigia a palavra. Travou lhe da mão, apertou-a dincontro ao seio, osculou-a na fronte, e perguntou-lhe, com ternura:

— Ainda te lembras, Elsbeth, daquelle baile, que deu tua mãe, já lá vão tres annos? Lembras-te, sim, com certeza, e daquelle vestido novo, côr de rosa, e bem lindo, por signal. Eras ainda uma pequena, e comtudo, deste nas vistas aos rapazes. E dançáste com muitos delles. Por Deus! E que bem que tu bailaste as *Czardas* com o filho do Gran-Palatino! E tua mãe até chorou de alegria, pela singular discreção com que te houveste.

Recordas-te ainda do filho do Gran-Palatino, pois não é verdade? E' muito bom moço; e está hoje conde, e nada soberbo, olha sem desprezo para um fidalgo velho, que conta mais avós do que elle; não, que elle bem sabe que, segundo as leis transylvanicas, entre um magnate e um nobre não existem distincções. Apparece por ahi qualquer dia a visitar-nos, ora verás.

Os amigos de algum dia não deixarão de procurar, a pouco e pouco, o velho Radnothy.

E ainda havemos de dar um baile. Tornarás a dansar com elle. E supponhamos que elle sollicitava a tua mão, querida Elsbeth? Sendo da tua vontade, não serei eu que me opponha.

— O cunhado, por mais que me digam, está louco.

O filho do Gran-Palatino namorou-se de uma baronêsa, de caminho para aqui, assim o ouvimos em Klausenburgo,— emitiu, esganiçando-se, a coronéla, que não podia levar á paciencia, voltar-lhe as costas o cunhado e não lhe dirigir a palavra. E gesticulava como uma possêssa, a ponto de lhe cahirem os caracóes posticos.

Radnothy vibrou-lhe um olhar de desdem, e com ironica cortezia, que ainda mais a infureceu, devido ao lance imprevisto, debruçou-se, apanhou do chão a marráfa, e depô-la sobre a mesa, diante de si.

— Recordas-te daquelle moço muito esbelto, e de elevada estatura, que te chamava sempre sua mulher? Que elle, diga-se a verdade, é um moço ás direitas. Ha quanto tempo não oiço falar nelle? Constou-me que lhe morrera o pae, de quem fui muito amigo, e que se acha homisiado na Hungria. Assim que elle regressar, verás como vem saber do seu amigo Radnothy e como pergunta, desde logo, que é feito da sua mulherzinha. Que achas que lhe responda, dize-lá, querida Elsbeth?

— E quer dar a mão de sua filha a um foragido, a um vagabundo? Tal nunca succederá!

Pometti-a a Kahlenberger, e hade ser sua mulher, delle, delle e de mais ninguem.—vociferou a coronela, batendo tão fortes punhadas na mesa, que voaram por ali fora um montão de numeros da «Gazeta estrangeira».

Radnothy carregou o sobrolho, ergueu do chão os periodicos, como se insinuar-lhe quizesse que melhor faria entretendo-se a ler os periodicos e ficando calada; e sem attentar mais na vozearia da cunhada, reatou o fio ao colloquio com a filha.

— Não te lembras daquelle mancêbo, palido, muito timido, aquelle que te emprestava tanto livro, e que pelos teus annos e pelos de tua mãe vos dedicou a ambas tão lindos versos, escriptos em papel velino dourado nas margens, e com tulipas e violetas, em pintura? — Lembras-te, com certeza!

Foi sempre bom estudante e andou mais longe que o pae, que em toda a sua vida não conseguiu ser coisa que se visse; que o pobre moço para pouco lhe serve o que sabe, e vive metido em casa infronhado nos seus livros.

E dahi, o pae tem de seu, não é uma coisa por ahi alem, mas o homem é bom administrador. E bem sabes que nunca liguei muita importancia á riqueza. O que tenho chega-me, graças a Deus, para viver com decencia. Mandar-vos-ei fazer uma casa; rasgo o testamento ante os teus olhos, se quizeres. Hão-de viver aqui ambos, tão felizes como eu vivi com tua mãe, que Deus haja. Tenciono comprar duas parelhas e incommendar uma carruagem nova para o teu casamento. E sempre quero que me digam, quem será capaz de topar por todo o condádo uma noiva mais linda que a minha Elsbeth.

— Desalmado! dar por marido á sua propria filha o filho de um labrêgo! A minha Elsbeth, a quem um capitão Kahlenberger dedica o seu affecto! atacou a coronela com alarido tal que enfureceu o proprio cachorrito, o Carôcho, e este pegou a ladrar em concerto com a dôna e atirou-se ás canelas de Radnothy.

Ergueu se de chofre Radnothy, fulo de raiva, mas não se voltou contra a coronela; em vez de isso, despediu ao tótó tão valente pontapé, que fez clarêza o mesquinho animal: a ganir, a coxear e de rabinho entre as pernas, sumiu-se pela porta-fora. Encolhida de medo, dispunha-se a coronela a seguir o bichinho, vendo, porem, Radnothy voltar-se para a filha e abraçá-la, em impeto de paixão, pôde mais com ella o zaguncho da curiosidade, e estacou entre portas.

— Tua tia que se retire ámanhã para Vienna, ou para onde lhe aprouver, e que não torne aqui a pôr os pés, proferiu Radnothy com todo o seu socêgo; mas tu ficas em minha companhia.

— Escandalo! Infamia! clamou a coronela, acercando-se de uma poltrôna, afim de poder desmaiar com certa commodidade. Pôr-me pela porta-fora, voltar-me as costas, nem se quer me dirigir a palavra, chasquear á custa do meu penteado, e ainda por cima, estropear-me para toda a vida o meu Figaro, coitadinho! Ah! vivesse ainda meu marido, que Deus tem, e veriamos, tomar-lhe-ia, contas de tantos insultos com as armas na mão espetá-lo-ia, de meio a meio, — fá-lo-ia em postas, — assim: — e puchando da cadeira, entrou a figurar por mimica o modo como o esposo houvera de espetar, acutilar e fazer em postas a Radnothy.

— Ficas em minha companhia, proseguiu o pae, arredando á filha os cabellos do rosto.

Não tens necessidade de cazar desde já. Tens

tempo para escolher, querida filha, noivos não faltam.

Por que te has de apressar?

Mais tempo te sobeja para cuidar de teu pae, para o consolar! Ambos de dois, levaremos aqui uma santa vida. Tu, a tratar do governo da casa, eu lá por fora a olhar pelas propriedades; havemos de pôr tudo em ordem. Faremos visitas na vizinhança e a vida correrá alegre como dantes. Nunca mais me hasde ver triste e merencorio, que eu, ag[illegible] não o estou, o que tenho é muita coisa que n[illegible] do; e conseguisse eu ver-me livre dos n[illegible]cessos, e pudesse teu irmão regressar a [illegible] que elle hade voltar, se tu aqui ficares; Deus n[illegible] hade permanecer indifferente á prece de uma bôa filha. Que tu, Elsebeth, és uma bôa filha, pois não é verdade? Tens amôr a teu pae, não o hasde desamparar na velhice, nunca mais lhe darás motivo para se agastar, serás tão bôa para elle como o foi tua mãe, com quem tanto te pareces. Mas, ainda agora reparo, és tua mãe, por uma penna! Quando chorava, tinha tal qual a mesma expressão; e não derramou poucas lagrimas, em parte, por minha causa, e em parte, por amor dos filhos, que ella, por sua propria causa, nunca tal lhe aconteceu, nunca, por nunca ser!

Elsbeth não proferia uma palavra, e desenvencilhou-se dos braços do pae, no acto em que este, enervado pela commoção, se deixou cahir em uma cadeira. E ella, indecisa entre o pae e a tia sem saber para qual delles se inclinaria. Mirava a um, mirava a outro, e suspirando, repetiu:

Se haverá sorte como a minha!

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

VIII — INERCIA

(Continuado do n.º 869)

Esta machina levanta as linhas do taboleiro (galé) onde os typographos as collocou, ordenando-as por forma tal que a leitura, em sentido contrario, da composição impressa, comece pela esquerda do taboleiro — O apparelho, depois de ter tomado uma linha, colloca-lhe os espaços desejados, deposita a n'um segundo taboleiro representada á esquerda da (fig. n.º 19) continuando com movimento egual para todas as outras linhas, sem intervenção alguma do homem. Basta apenas um individuo tirar ou collocar os taboleiros, desguarnecidos ou guarnecidos.

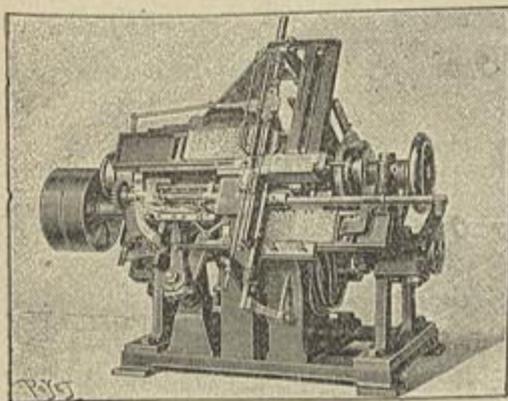



Fig 19 — Machina Desjardins

Quando as linhas da composição teem sido todas fornecidas ao apparelho as palavras acham-se unicamente separadas por pequenas bandas de cobre depassando o nivel da composição e marcando uns signaes para a localisação dos espaços, pelo machinismo; além d'isso, como certas linhas não estão cheias, como se reconhece na figura, estas separam-se, entre ellas, por meio de reguas delgadas que as mantêm. As linhas são entregues automaticamente uma a uma, ao machinismo, por meio de um braço que, de um modo intermittente obriga a materia, a entrar toda, n'uma linha. Quando a linha da composição está em face do apparelho, a regoa que a mantinha, levanta-se. Dois orgãos operam por uma combinação engenhosa: o primeiro, encontrando pequenos espaços provisorios da composição, dão o numero total dos espaços; o segundo, tenta medir o espaço vasio no fim da linha e juntal-o ao numero de espaços constituidos pelo primeiro orgão, effectuando-se uma verdadeira divisão que indica exactamente o comprimento de cada um dos espaços definitivos entre as palavras. O apparelho possue tres formatos de espaços que se conservam armazenados n'uma especie de ranhuras verticaes que, na figura, estão á direita da machina. Esses espaços são respectivamente de 18,24, e 31 milessimo de pollegada; podendo estes combinarem-se, simultaneamente, para assim se obterem novos comprimentos. Se o machinismo divisor da como quociente da divisão, um comprimento não correspondendo a nenhuma d'essas combinações, a machina indicar-nos-ha o typo mais proximo, assim como a differença que d'esse resultado provém, no fim da linha, e pondo essa acção, no momento desejado, o distribuidor de espaços, de modo que, por meio de uma combinação, encha o espaço disponivel. O funccionalismo calculado é rapido. Immediatamente, a linha recebe um movimento vertical que a arrasta ao taboleiro receptor superior, sendo, apenas levado por um movimento intermittente, visto que a pequenas bandas de cobre impedem esse movimento, desde que a linha se encontra em face do distribuidor d'espaços. Este colhe, nas ranhuras verticaes, os espaços necessarios indicados pelo mechanismo calculador e colloca-os no logar das bandas de cobre. A linha assim rectificada é deposta no taboleiro da esquerda, e quando todas as linhas o estejam, a composição está completa.

IV) *Machina para fabricar cartuchos de polvora para caça.* — O apparelho que está assente sobre a meza munida de um volante e uma correia de transmissão, consta de um prato circular P, girando em torno de um eixo central, cuja peripheria é munida de peças metallicas intervalladas por pequenos espaços, destinados a receber os cartuchos vasios, variaveis consoante os calibres.

(Continua) *Antonio A. O. Machado.*

LICÇOES DE PHOTOGRAPHIA

XXXVIII

O mais inconveniente dos pós magneticos destinados á producção da photographia instantanea durante a noite, é sem duvida o fumo que elles produzem. Foi maginada uma lanterna onde arde o cartucho magnesico retendo todo o fumo, afim de remediar esse inconveniente.

Essa lanterna tem a forma de um *accordeon*, de papel em tres dos seus lados, e em tela, no quarto lado. No fundo da lanterna ha um pequeno alçapão por onde se introduz o cartucho, tendo-lhe collocado previamente um fio de algodão polvora cuja extremidade fica fóra do apparelho.

No momento da explosão sem ruido, a elasticidade do *accordeon* fal o alongar, e a luz produzida é sufficiente para obter o instantaneo. A lanterna conserva todo o fumo e para extrahir, basta levantar um pouco o alçapão por onde se introduziu o cartucho, e em seguida, fecha-se de novo. Alem d'isso, o apparelho é facilmente portatil.

O MEZ METEOROLOGICO

Março 1903

Barometro: maxima altura 773mm,7
» minima » 751,mm9

A altura barometrica foi, em geral, elevado durante o mez, attingindo o seu maximo em 8, e o minimo 25. A 26, o barometro accusava, ás 9 horas da manhã, 752,mm3.

Temperatura maxima do mez: 22º,7 em 31
» minima » 6º,4 em 12

Até 1, a maxima thermometrica notada foi de 15º,9 em 8, 9, e 13 e minimos normaes. Elevação de temperatura a partir de 18 (max.: 17º,4) e até 24 os maximos mais elevados foram: em 20 (18º5) em 21 (20º,0) em 22 (18,º3) em 24 (19º,8). Baixa sensivel de 25 a 28, descendo a columna thermometrica até 6º,8, em 26, e novamente subida sensivel a partir d'este dia

Ventos dominantes: W de 1 a 3, N de 4 a 7 NE até 14, NW em 15, SW de 16 a 18, NE de 19 a 22 SE em 23 e 24, W até 28, e NE de 29 a 31

Chuvas: em 1,3, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 24, 25, 26, (10mm,4) e 27.

Altura da agua recolhida, minima observada em Março, 25mm,4

Céu Bom tempo 11 dias. Nublado 18 dias. Encoberto 2 dias.

Halos em 8 e 11, *Arco iris* em 25, *Granizo* em 26, *Trovoada* em 26.

NECROLOGIA

BARÃO DE SANTOS

O distincto diplomata que a morte foi arrebatar em 8 do corrente á sua magnifica vivenda de Fontenay aux-Roses, perto de Paris, estava ha 14 annos aposentado, sendo aliás um homem valedor, pois contava apenas 75 annos de edade e fizera uma brilhante carreira na diplomacia, onde prestou bons e relevantes serviços ao seu paiz.

Nasceu em dia de Anno Bom de 1828 e foram seus paes os primeiros barões de Santos.

Chamava-se João Ferreira dos Santos Silva, era formado em direito, dedicando-se á carreira diplomatica desde muito novo e exercendo por largos annos o cargo de secretario da legação em Paris, sendo em 1870 elevado a ministro plenipotenciario junto da côrte da Russia, onde se conservou até que pediu a sua aposentação em 1899.

Em Paris contrahiu matrimonio com madame Cornelia Figdor, viuva d'um abastado banqueiro de Vienna d'Austria, tendo grande predilecção pela capital da França ali estabeleceu a sua residencia, passando mais tarde a viver definitivamente em Fontenay aux-Roses.

Caracter bondoso e affavel, tinha a sua alma todas as qualidades que constituem essa outra no bresa, a nobresa do coração, em que elle tanto se distinguiu e lhe serviu para conquistar não só innumeras sympathias nas côrtes em que serviu como um grande numero de dedicados e fervorosos admiradores e amigos.

Na sua vida official, modelo de distincção e de dignidade, soube honrar o seu paiz nas chancelarias estrangeiras, e os elevados cargos que exerceu tiveram n'elle sempre um funccionario brioso, um espirito culto e um coração devotado.

O sr. barão de Santos era o irmão mais velho dos fallecidos, barão de Ferreira Santos, conselheiro Carlos Santos e Cardeal bispo do Porto.

GEORGINA PINTO

Mais uma vocação perdida para a arte n'essa graciosa rapariga que a morte acaba de prostrar na capital do Brazil, e de cujo talento promettedor tanto havia a esperar. Nasceu em 1869

Sosinha, sem protecção, devendo tudo ao seu esforço, não porque não tivesse a mocidade e a formosura que tem servido a muitas nullidades para se elevarem a *estrellas*, mas porque o acaso não a favoreceu como tem favorecido tantos outros, Georgina Pinto possuia uma decidida vontade de saber e de elevar-se, e pode dizer-se que havia conseguido chegar ao ponto que desejava attingir, possuindo já essa aura de popularidade que tornou de todos sentida a sua perda.

Rara é a companhia portugueza que não conta uma artista estrangeira, e emquanto estas encontram logo quem as escripture, as artistas portuguezas, embora de talento reconhecido, teem que andar de terra em terra a ganhar o pão de cada dia n'uma incommoda perigrinação artistica a que por epigramma se dá o nome afrancezado de *tournées*.

Georgina Pinto estreiou-se no Porto no theatro D. Affonso, na companhia de Taveira, Santinhos, e José Ricardo e onde tambem pela primeira vez figurou Angela Pinto.

Havia sido contractada para os córos, porém a correcção de linhas com que a natureza havia dotado a sua bella figura de mulher, a voz argentina e fresca de que se mostrava possuidora aos primeiros ensaios, abriram lhe o caminho para mais amplos commettimentos, e passando á cathegoria de *discipula* desempenhou a primeira *rabula* no *Reino das Mulheres*, de Sousa Bastos.

Affastada por alguns annos da scena, Georgina voltou a apparecer em publico em companhias populares, vindo para Lisboa, onde apezar do seu bello talento não conseguiu fazer-se notar.

BARAO DE SANTOS
FALLECIDO EM FONTENAY-AUX-ROSED EM 8 DO CORRENTE

Voltando para o Porto com a companhia Taveira, tendo por collegas Maria Pia e Carmen Cardoso foram-lhe distribuidos os papeis de *soubrette* e caracteristicas, mas como não eram estes os generos de sua feição appareceu de repente no drama *Fanfan* do sr. Lopes Teixeira, revelando-se então uma actriz dramatica de faculdades verdadeiramente notaveis.

Pondo o vaudeville, a comedia e a opperetta de parte foi em *tournée* ás ilhas, escripturando-se em seguida no theatro D. Amelia entrando na *Estrangeira, Fromont & C.ª* e *Amor Louco*.

Tendo tido algumas divergencias com as suas collegas do D. Amelia, passou ao theatro de D. Maria onde entrou como societaria de 2.ª classe, estreiando-se na *Sinhá* de Marcellino Mesquita e desempenhando em seguida o difficil papel da *Segunda mulher de Tanqueray* que a Duse representára em Lisboa, e que Lucinda Simões fizera no Rio de Janeiro. Mais tarde entrou no prologo do *Suave milagre* do sr. conde de Arnoso, valendo-lhe os elogios da critica.

N'uma companhia organisada pelo actor Fernando Maia, actual gerente do theatro de D. Maria, foi ao Pará e no regresso a Lisboa constituiu com o actor Carlos Santos e outros elementos dispersos uma *troupe* que levou á scena no theatro da Rua dos Condes *O Frei Luiz de Sousa, Mancha que limpa, Sapho, Tosca* e *Fedora*.

Tendo partido ha poucos mezes para o Rio de Janeiro, estreiára-se na *Fedora*, representando a seguir a *Lição cruel*, de Pinheiro Chagas, estando para desempenhar o papel de Maud de Rovore, nas *Semi-Virgens* de Marcel Prevoste.

A mallograda artista já por diversas vezes havia ido ao Brazil, onde foi sempre recebida com agrado.

ACTRIZ GEORGINA PINTO
FALLECIDA NO RIO DE JANEIRO EM 12 DO CORRENTE